



Cosmovisão Bantu e natureza: elementos para compreender a Agroecologia nos terreiros

Worldview Bantu and nature: elements to understand Agroecology in the terreiros

BRANDÃO, Jefferson Duarte¹; GIVIGI, A.C. Nascimento²

¹- Mestrando em Educação do Campo – UFRB/Bolsista FAPESB, jdbecosistemico@hotmail.com; ²-
Docente do Mestrado em Educação do Campo - UFRB, kikigivigi@ufrb.edu.br

Tema Gerador: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo

Este trabalho pretende refletir acerca das contribuições dos diferentes grupos étnicos culturais para a construção de uma episteme agroecológica que leve em conta os saberes e fazeres ancestrais dentro dos terreiros de candomblé dos povos Bantu. Trabalhou-se com as análises bibliográficas e através da abordagem etnoecológica. Ao longo do trabalho foram evidenciadas práticas que nos permite perceber a importância da construção do conhecimento agroecológico estabelecer de maneira dialética uma análise da co-construção natureza sociedade a partir de uma práxis para além da ciência colonial.

Palavras-chave: Ancestralidade; Etnoecologia; Candomblé Kongo Angola.

Abstract

This work intends to reflect on the contributions of the different cultural ethnic groups to the construction of an agroecological epistemic that takes into account the knowledge and ancestral practices inside the candomblé terreiros of Bantu peoples. We worked with the bibliographical analyzes and through the ethnoecological approach. Throughout the work were evidenced practices that allows us to perceive the importance of the construction of agroecological knowledge establish dialectically an analysis of the co-construction nature society from a praxis beyond colonial science.

Keywords: Ancestry; Ethnoecology; Candomblé Kongo Angola.

Introdução

Entre os desafios da humanidade para o século XXI podemos destacar a necessidade de superação do preconceito, do racismo e da discriminação, pois, é inconcebível nos depararmos com o aumento da violência física e simbólica contra as comunidades de cultos de matriz africana que mesmo tendo resistido à opressão de um modelo colonial de exploração capitalista de base escravista-mercantil Souza (2008). Entre as primeiras comunidades trazidas para o Brasil durante a diáspora do tráfico negreiro, encontramos os povos ligados ao tronco etno-linguístico Bantu, que habitavam majoritariamente territórios do continente africano, situado abaixo da linha do Equador.

Ao chegarem às terras brasileiras, ainda no início do período colonial as primeiras levadas de seres humanos escravizados foram majoritariamente levados para as fazendas no interior do país e sua **mão de obra usada na agricultura de exportação. Por tan-**



to é importante destacar que é nesse Contexto que surgem os primeiros processos de resistência expressos nos motins e aquilombamentos. É em meio **às** florestas, rios e mares que o povo negro começa a reconstruir sua memória histórica, social e cultural do outro lado do **atlântico, insurgindo** nos quilombos e nas práticas ritualísticas evidenciadas na música e nos cultos à ancestralidade africana.

À medida que ampliamos nossos olhares para as dinâmicas locais podemos deslumbrar, outras racionalidades, ou seja, diferentes sujeitos que através das suas identidades e Referências culturais estabelecem relações outras entre si e com o espaço em que estão inseridos é nessa perspectivas que nos propomos a investigar as interpretações ecológicas presentes nos terreiros de candomblé Angola, oriundos da etnia Bantu, pois, Meira (2013), aponta que os terreiros apresentam relação profunda e íntima com os diferentes ambientes naturais que, na concepção desses povos, são considerados locais sagrados e de contato com seus ancestrais do panteão africano chamados de Mikisi e até mesmo os caboclos que nos candomblés Kongo-Angola representam os donos da terra interconectando elementos das culturas afro-indígenas. As celebrações e rituais afro-brasileiros exigem um contato profundo com os elementos da natureza, envolvendo durante os cultos saberes que vão desde a colheita e beneficiamento de ervas até o preparo de alimentos sacralizados.

Materiais e Métodos

A abordagem utilizada decorreu tanto do levantamento de referenciais bibliográficos, como também dos registros e reflexões derivadas do paradigma transdisciplinar etnoecológico que busca compreender a relação sociedade-natureza através de “sentimentos e comportamentos que intermediam as interações entre as populações humanas que os possuem e os demais elementos dos ecossistemas que as incluem, bem como os impactos daí decorrentes”. (Marques apud Barenho, 2001. p.2)

Resultados e Discussão

Ao longo do estudo podemos notar os saberes e fazeres da ancestralidade Bantu e de que maneira estes conhecimentos partilhados ao longo do tempo são expressos nas práticas camponesas trabalhadas nos territórios tradicionais reconhecidos como “roças” dentro dos terreiros de candomblé.

A rica herança botânica e agrícola desenvolvida pelos escravos foi produto de diversos sistemas étnicos de conhecimento e, também, influenciada pela mulher africana. Por exemplo, as curandeiras e enfermeiras negras possuíam experiência no uso das plantas enquanto recursos úteis no tratamento de doenças; e técnicas usuais de proces-



samento de cereais, de culinária, descritos como trabalho feminino no oeste africano, são transferidas às fazendas escravas nas Américas. Os escravos africanos apropriaram-se desta herança cultural para preservar sua subsistência, sobrevivência, rituais, resistência, e memória nos ambientes tropicais e sub-tropicais de seus confinamentos. (Carney, 2001, p. 24)

Cada ancestral celebrado nos ritos da nação Kongo-Angola está vinculado a um espaço, elemento ou até mesmo espécie que habita o meio natural, a relação entre esse bem natural, local de culto e o que o mesmo simboliza para os praticantes do candomblé é aqui denominado por nós como um complexo etnoecossistema.

Entre as práticas camponesas nos terreiros, nós destacamos os desafios de se garantir a soberania alimentar, pois, a comida é um componente que transcende o ato de alimentar o corpo, avançando para a conexão com o político – cultural. Pois é no culto à Mutakalombo, Kabila e Ngongobila (ancestrais ligados a caça, pesca e a fartura) que as comunidades de terreiro Bantu cantam, comem, celebram e agradecem às florestas pelos alimentos concedidos naquele ato ritualístico.

O uso das plantas é indispensável no candomblé, pois, todos ancestrais são representados por meio de sementes, folhas, raízes e frutos. As plantas estão presentes em todos os momentos ritualísticos e são utilizadas pra diversos fins sejam estes: terapêuticos, medicinais, alimentares, decorativos ou até mesmo espirituais. O ancestral que rege o manejo, colheita e manipulação das ervas é Katendê, celebrado com cânticos, rituais e defesa das matas e florestas. A partir da interpretação sobre diferentes racionalidades que envolvem o plantio, manejo e colheita das plantas, podemos desvendar um fazer agroecológico nos terreiros.

Conclusão

O modelo de desenvolvimento em curso reproduz a monocultura nas mais diferentes dimensões da vida na terra, pois, além de restringir os sistemas agroalimentares, a partir da ultra-simplificação da biodiversidade provocando a erosão genética da fauna e da flora, também reduzem a partir do modelo de produção predatório e perverso a pluralidade étnico cultural. Apontamos os paradigmas **ético-político-filosófico** do bem viver (co-evolução natureza-sociedade) e ubuntu (só podemos ser juntos) como princípios fundamentais para superação da dimensão colonial que impera de maneira hegemônica na sociedade capitalista. Em que pese à escassez de políticas públicas que tomem em conta as lógicas das diferentes cosmovisões sentidas e vividas pelos povos



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



de terreiros do campo. O que as comunidades reivindicam é a permanência com qualidade de vida e ter o direito assegurado de construir e produzir sua práxis biocultural em territórios que não sejam violados.

Agradecimentos

Agradecemos à Comunidade Caxuté, Escola Caxuté, Coletivo de Estudos Koiaki Sakumbi e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB.

Referências bibliográficas

BARENHO, Cíntia Pereira; MACHADO, Carlos R. Contribuições do Marxismo e da Etnoecologia para o estudo das relações socioambientais. P. 1-8, s/d.

CARNEY, Judith. Navegando contra a corrente: o papel dos escravos e da flora africana na botânica do período colonial. **África: Revista de Estudos Africanos**, São Paulo, n. 2223, p. 25-47, 2001.

MEIRA, Célio Silva. Plantas do axé e sua fundamentação religiosa: um estudo de caso no terreiro de Umbanda “Caboclo Boiadeiro” (fazenda Buraco do Boi – Poções/ Bahia). Dissertação Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da UESB- Itapetinga: Itapetinga - BA, 2013. 129p.

SOUZA, J.P. Entre o Sentido da Colonização e o Arcaísmo como Projeto: A Superação de um Dilema através do Conceito de Capital Escravista-Mercantil. *Est. Econ.*, São Paulo, v. 38, n. 1, p.173-203,2008.